

(Se o argumento da autoridade for bom, claro que o crédito cabe a ela, por ter sido ela quem o concebeu.)

Embora referir-se a uma autoridade a fim de tomar para si o argumento dessa autoridade seja uma maneira de abreviar o argumento e evitar a citação, a citação é às vezes desejável. Podemos citar uma autoridade tanto para exprimir um argumento que aceitamos como para exprimir um argumento que pretendemos atacar. As autoridades podem ser amigos ou inimigos. Uma autoridade favorecida só deve ser citada se o autor do ensaio não puder exprimir o pensamento com mais clareza ou brevidade do que o fez a autoridade, porque, se puder melhor apresentar esse pensamento com suas próprias palavras, o autor deve fazê-lo. Recorrer a uma citação seria, no caso, uma confissão de fracasso. Também se pode citar uma autoridade se suas palavras tiverem uma eloquência imponente. Todos os que discutem as concepções de Hobbes sobre o homem em estado de natureza se sentem impelidos a citá-lo: “e o estado do homem é solitário, pobre, decadente, brutal e curto”. Uma citação pode ser retumbante mas tautológica — “Tudo é o que é, e não outra coisa” (Bispo Butler) — ou de tirar o fôlego — “Onde não se pode falar deve-se calar” (Wittgenstein).

Uma autoridade desfavorecida deve ser citada se for necessário provar que você apresentou a posição dela com imparcialidade e precisão. É muito importante que você apresente a posição do oponente da maneira mais forte ou mais defensível, ainda que pense que ela não pode suportar o ataque de suas objeções. Apresentar com parcialidade a posição do oponente é construir um falso

argumento. Refutar essa posição injustamente apresentada equivale a bater num *inimigo vencido*. É muito fácil fazer isso, mas não é uma grande realização.

Os alunos são especialmente suscetíveis ao abuso da autoridade porque a maioria de seus ensaios requer um uso amplo de autoridades, de modo geral algum filósofo de destaque e bem morto — Platão, Descartes, Hume, Kant —, e eles não sabem o que há de importante numa autoridade. O que importa não é a fama nem o admirável caráter do filósofo ou sua possível vida excitante, mas seus argumentos. Como eu já disse, na maioria das atividades filosóficas o Argumento é tudo. E isso explica por que autoridades filosóficas têm um papel tão destacado na maioria dos ensaios filosóficos, tanto nos dos filósofos profissionais como nos dos estudantes de filosofia: os grandes filósofos construíram grandes argumentos filosóficos que devem antes de tudo ser conhecidos e depois criticados, revisados e ampliados. Os grandes filósofos do passado estabeleceram os termos do debate filosófico não porque os filósofos tenham um respeito fora do comum pela tradição, mas porque a tradição consiste nos argumentos que os filósofos cujos argumentos os tornaram grandes conceberam. Como o disse certa vez o extraordinário historiador da filosofia medieval e moderna Étienne Gilson, “A única coisa pertinente à história da filosofia é a filosofia”.

Além do uso das obras dos grandes filósofos, os alunos têm muitas vezes de pesquisar a *literatura secundária*, isto é, livros e artigos escritos por estudiosos sobre os grandes filósofos. Há ocasiões em que se espera que os